



**“EU TENTAVA SER INVISÍVEL”: BULLYING, MASCULINIDADES
NEGRAS E SILENCIAMENTO ESCOLAR**

**“YO INTENTABA SER INVISIBLE”: ACOSO ESCOLAR,
MASCULINIDADES NEGRAS Y SILENCIAMIENTO ESCOLAR**

**“I TRIED TO BE INVISIBLE”: SCHOOL BULLYING, BLACK
MASCULINITIES, AND SCHOLASTIC SILENCING**

Cláudio Júnio Patrício¹

RESUMO

Este artigo, derivado de uma pesquisa de doutorado em Sociologia, trata do fenômeno do *bullying* escolar, com foco em suas intersecções com raça, sexualidade e masculinidades. O objetivo é analisar, a partir da trajetória de vida de Kwame Nzinga, como essas violências incidem sobre corpos negros e dissidentes no espaço escolar. A pesquisa é qualitativa, fundamentada na abordagem etnossociológica e orientada por referenciais críticos interseccionais. Foram realizadas quinze entrevistas biográficas com homens negros universitários, mas este artigo concentra-se exclusivamente na narrativa de Kwame, um jovem negro e homossexual da periferia de Belo Horizonte. A análise da entrevista revela que a escola, longe de ser apenas um espaço de proteção, também atua como dispositivo de controle e exclusão. Desde a infância, Kwame foi alvo de violências simbólicas e físicas, desenvolvendo estratégias de invisibilização como forma de defesa. Conclui-se que o *bullying* escolar funciona como tecnologia de poder que regula as masculinidades, exigindo práticas pedagógicas mais inclusivas e antirracistas.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidades negras. Escolarização. *Bullying*. Interseccionalidade.

RESUMEN

Este artículo, derivado de una investigación de doctorado en Sociología, aborda el fenómeno del acoso escolar, centrándose en sus intersecciones con la raza, la sexualidad y las masculinidades. El objetivo es analizar, a partir de la trayectoria de vida de Kwame Nzinga, cómo estas violencias afectan a los cuerpos negros y disidentes en el contexto escolar. La investigación es cualitativa, basada en el enfoque etnossociológico y guiada por referencias críticas interseccionales. Se realizaron quince entrevistas biográficas con hombres negros universitarios, pero este artículo se centra exclusivamente en la narrativa

¹ Doutor em Sociologia. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

de Kwame, un joven negro y homosexual de la periferia de Belo Horizonte. El análisis revela que la escuela, lejos de ser un espacio de protección, también actúa como un dispositivo de control y exclusión. Desde la infancia, Kwame fue blanco de violencias simbólicas y físicas, desarrollando estrategias de invisibilización como defensa. Se concluye que el acoso escolar funciona como tecnología de poder que regula las masculinidades, demandando prácticas pedagógicas inclusivas y antirracistas.

PALABRAS-CLAVE: Masculinidades negras. Escolarización. Acoso escolar. Interseccionalidad.

ABSTRACT

This article, derived from doctoral research in Sociology, addresses the phenomenon of school bullying, focusing on its intersections with race, sexuality, and masculinities. The aim is to analyze, through the life trajectory of Kwame Nzinga, how such forms of violence affect Black and dissident bodies in educational settings. This qualitative research is grounded in the ethnosociological approach and guided by critical intersectional frameworks. Although 15 biographical interviews were conducted with Black male university students, the article focuses exclusively on Kwame's narrative, a young Black gay man from the outskirts of Belo Horizonte. The analysis reveals that the school, rather than being merely a space for protection, also operates as a device of control and exclusion. Since childhood, Kwame has been subjected to symbolic and physical violence, developing invisibility strategies as a form of defense. It is concluded that school bullying operates as a technology of power that regulates masculinities, requiring more inclusive and antiracist pedagogical practices.

KEYWORDS: Black masculinities. Schooling. Bullying. Intersectionality.

* * *

Introdução

O ambiente escolar é, inegavelmente, um dos primeiros e mais formativos espaços de socialização na vida de um indivíduo. Segundo Rogério Diniz Junqueira (2009), a escola não apenas constrói ou transmite conhecimento, ela o faz reproduzindo padrões sociais, perpetuando concepções e valores. Também fabrica sujeitos, corpos e identidades legitimando relações de poder, hierarquias e processos de exclusão. Contudo, para muitos estudantes, esse espaço de aprendizagem e desenvolvimento transforma-se, paradoxalmente, em um palco de violências físicas, simbólicas e psicológicas, manifestadas recorrentemente por meio do *bullying* (Cláudio Patrício, 2013; Cláudio Patrício; Paulo Roberto Ceccarelli, 2013).

Este artigo, derivado de uma pesquisa de doutorado em Sociologia (Cláudio Patrício, 2025), insere-se no campo dos estudos sobre masculinidades em contextos educacionais, com base em uma abordagem interseccional que articula raça, gênero,

sexualidade e classe (Kimberlé Crenshaw, 2004; Patricia Hill Collins; Sirma Bilge, 2020). A partir da análise da trajetória de Kwame Nzinga² — um homem negro, homossexual, oriundo da periferia de Belo Horizonte — busca-se compreender como o *bullying* operou como dispositivo de normatização das masculinidades, impactando profundamente sua subjetividade e percurso escolar. Embora a pesquisa de origem tenha realizado quinze entrevistas com homens negros que acessaram o ensino superior, o presente artigo se debruça exclusivamente sobre a narrativa de Kwame Nzinga, cuja densidade e complexidade analítica permitem problematizar os efeitos das violências escolares sobre corpos e identidades dissidentes.

O objetivo é identificar os marcadores sociais que o tornaram alvo preferencial de violências, os efeitos subjetivos dessas experiências e as estratégias de enfrentamento desenvolvidas ao longo de sua formação. Ao fazê-lo, pretendemos contribuir com os estudos sobre masculinidades negras e com reflexões pedagógicas voltadas à promoção da equidade e da diversidade nos espaços-tempos educacionais. O artigo também responde ao chamado ético-epistemológico de Lélia Gonzalez (2020), ao valorizar a escuta de sujeitos negros como condição para romper com a lógica colonial que historicamente os silenciou.

Para alcançar esses objetivos, o artigo está estruturado, além da Introdução e das Considerações Finais, em mais três seções. Na primeira, apresenta-se a fundamentação teórica que embasa as discussões sobre *bullying* e outras opressões nos contextos educacionais. Em seguida é explicitado o percurso metodológico utilizado. Na terceira seção, é descrita e discutida a trajetória de vida Kwame Nzinga.

Na escrita do artigo, utilizou-se ferramentas de inteligência artificial, especialmente o ChatGPT, como suporte complementar. Essa ferramenta foi utilizada, sob supervisão crítica do autor, para auxiliar na organização de ideias, na construção de parágrafos e na revisão de aspectos formais do texto, como coesão e clareza.

As camadas do *bullying* e outras opressões em contextos educacionais

O contexto escolar talvez seja um dos primeiros espaços em que homens negros são expostos às violências simbólicas e materiais que os acompanharão ao longo de toda a sua trajetória de vida. Para Junqueira (2009), a escola não se limita à transmissão ou

² Conforme será detalhado na seção *Procedimentos Metodológicos*, a fim de preservar o anonimato do participante e, simultaneamente, homenagear sua ancestralidade, se atribuiu ao interlocutor um nome fictício de origem africana.

construção do conhecimento; ela também desempenha um papel ativo na reprodução de papéis sociais, na perpetuação de padrões culturais e valores normativos, na legitimação de relações de poder e na hierarquização das relações de gênero. Nessa perspectiva, a escola atua como um aparelho de produção de subjetividades. Guacira Lopes Louro (2007) reforça essa ideia ao afirmar que, além de ensinar conteúdos, a escola também fabrica sujeitos, produzindo identidades marcadas por categorias como etnia, gênero e classe social.

Em *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão* (2024), Michel Foucault propõe que a escola funcione como um verdadeiro observatório político — um espaço no qual a vigilância se torna um instrumento central para o exercício do poder. Por meio da observação contínua e da produção de saberes sobre o comportamento dos estudantes, possibilita-se controlar os indivíduos, identificar desvios e classificar habilidades. Nesse sentido, a escola não é apenas um local de ensino, mas também um dispositivo que participa da engrenagem de produção do poder disciplinar. Todos os que compõem o ambiente escolar — alunos, professores e demais profissionais — estão inseridos em uma rede de vigilância mútua, onde não apenas são observados, mas também exercem a função de observadores, num sistema hierárquico de controle e regulação do comportamento.

A escola devido ao seu papel padronizador, normalizador e disciplinador tende muitas vezes a evitar que diferenças sejam acentuadas e vivenciadas pelos seus alunos e até mesmo pelo corpo docente. É na escola que as diferenças individuais se transformam em “brincadeiras”, chacotas, humilhações e violências físicas e simbólicas, sendo essas uma das facetas daquilo que denominamos de *bullying*.

Originário da palavra inglesa “*bully*” (valentão, briguento), o *bullying* não possui uma tradução exata para o português, mas seu uso se consolidou globalmente, incluindo no Brasil. O conceito começou a ganhar relevância em estudos noruegueses na década de 1970 e, desde então, vem sendo amplamente adotado e estudado em diversos países (Deborah Christina Antunes; Antônio Álvaro Soares Zuin, 2008), incluindo o Brasil (Patricio; Ceccarelli, 2013; Lauriza Maria Nunes Pinto *et al.*, 2016; Cíntia Santana e Silva; Elaine Meire Vilela; Valéria Cristina de Oliveira, 2024).

Segundo Dan Olweus (1997), o *bullying* é uma subcategoria de comportamento agressivo, caracterizado por sua repetitividade e pela assimetria de poder entre os envolvidos. Trata-se de uma conduta persistente e intencionalmente agressiva, visando causar danos físicos ou morais a um, ou mais estudantes que se encontram em posição de

vulnerabilidade e incapacidade de se defender. As provocações são reiteradas, possuem um caráter degradante e ofensivo, e não são provocadas pela vítima.

É considerada uma forma de abuso, manifestando-se tanto de forma física quanto psicológica, se manifestando por meio de intimidações, humilhações, agressões físicas e verbais, xingamentos e exclusões. Tais atitudes são promovidas por um ou mais agressores contra uma vítima, gerando dor, sofrimento emocional, exclusão social e, muitas vezes, impactos duradouros na saúde mental do indivíduo afetado (Deborah Carvalho Malta et al., 2010).

Uma característica central do *bullying* é a disparidade de poder entre o agressor e a vítima, onde o agressor se vale de uma vantagem física, psicológica ou numérica, perpetuando uma relação de dominação. Os autores de *bullying* buscam, em geral, dois principais objetivos: a demonstração de poder e a obtenção de reconhecimento ou afiliação entre seus pares (Patricio, 2013). Esse comportamento muitas vezes reflete uma tentativa de fortalecimento de posição social e de aceitação em grupos, fazendo da prática uma dinâmica que transcende o ambiente escolar e pode ocorrer em variados contextos, como o familiar, o digital e o ambiente de trabalho. Dessa forma, o *bullying* também pode ser compreendido como uma expressão dos preconceitos presentes nas sociedades e em culturas pretensamente democráticas (Antunes; Zuin, 2008).

A tentativa de relativizar o *bullying* tratando-o como uma simples brincadeira, principalmente para aqueles que são considerados agressores, está em consonância com uma parte da sociedade que tolera a violência, a desigualdade e a falta de empatia. A normalização do *bullying* como “brincadeira” pode ser vista como uma forma de perpetuar hierarquias sociais, uma vez que, na maioria das vezes, o *bullying* se fundamenta em diferenças sociais — como classe econômica, raça, gênero, orientação sexual e aparência física — para se estabelecer. Ao mascarar atitudes de agressão e discriminação como “brincadeiras”, a sociedade legitima práticas que reforçam desigualdades e mantêm grupos ou indivíduos em posições de inferioridade (Raquel Carapello, 2020; Patricio, 2013).

Além de configurar um problema social, o *bullying* deve ser compreendido como uma questão de saúde pública, cujos efeitos psicológicos podem se estender por toda a vida, comprometendo o bem-estar e a inserção social e profissional dos indivíduos (Louise Arseneault, 2018; Lélia Castro de Souza, 2019).

Os impactos do *bullying* são profundos e multifacetados, afetando significativamente a saúde mental das vítimas. Estudos indicam que a exposição contínua

a situações de intimidação pode desencadear quadros de baixa autoestima, ansiedade, depressão e, em casos mais graves, ideação ou comportamento suicida (una Garcia Forlim; Ana Carina Stelko-Pereira; Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams, 2014; Fernanda de Oliveira Pimentel; Cristina Pilla Della Méa; Naiana Dapieve Patias, 2020; Clareana Anauê Lorena de Souza e Silva; Gabriella Pereira dos Santos; Leandra Aurélia Baquião, 2022).

A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), realizada pelo IBGE em parceria com o Ministério da Saúde, é o principal estudo no Brasil que acompanha a ocorrência de *bullying* entre estudantes. Desde sua primeira edição em 2009, a pesquisa demonstra um aumento constante no índice de estudantes vítimas de *bullying*, que saltou de 5,4% em 2009 para 23% em 2019 (Silva; Vilela; Oliveira, 2024). Em relação ao perfil daqueles que praticam o *bullying*, uma pesquisa realizada em escolas públicas e privadas de Belo Horizonte–MG demonstrou que o *bullying* é uma prática que acontece, na maioria das vezes, por um grupo de meninos; com idade entre 15 e 16 anos; que utilizam de piadas e/ou comentários maldosos para atingir as vítimas, que justificam suas ações como uma forma de zoação ou diversão (Patricio, 2013). Mesmo tendo o seu auge na adolescência, o *bullying* está presente desde os anos iniciais do processo educacional.

Pesquisas recentes, como o estudo de Silva *et al.* (2024), confirmam o *bullying* como um fenômeno mais frequente entre meninos do que entre meninas. Esse estudo identificou que os meninos têm maior probabilidade de envolvimento, seja como vítimas, agressores ou em papéis mistos (vítima-agressor), em comparação com as meninas. Assim como outras violências, o *bullying* tende a ser uma ação de meninos contra outros meninos, resultando em uma disputa de masculinidades. Essa disputa é resultado da interação agressiva na qual os meninos são estimulados a ter com os seus pares, assim como a necessidade de obter poder e liderança diante dos seus iguais (Olweus, 1997).

Anteriormente, acreditava-se que as vítimas do *bullying* eram escolhidas aleatoriamente (Shariff, 2016). Entretanto, com o avanço das pesquisas, tem-se demonstrado que o contexto escolar reproduz dinâmicas de exclusão social amplamente enraizadas na sociedade, como o racismo, a homofobia, o sexismo e outras formas de subalternização, que muitas vezes se manifestam de maneira disfarçada por meio do *bullying* (Carapello, 2020). Além disso, estudos vêm apontando diferenças relevantes nas formas, nos alvos e nas intenções da prática do *bullying* entre meninos e meninas (Cláudia de Moraes Bandeira; Cláudio Simon Hutz, 2012). Comumente, os meninos agridem tanto

outros meninos quanto meninas, enquanto as meninas são, majoritariamente, agredidas por outras meninas (Michael J. Boulton; Kerry Underwood, 1992).

Como afirmado anteriormente, as vítimas de *bullying* geralmente são aquelas que, de algum modo, se desviam do que é socialmente considerado “normal”, sendo a raça, a orientação sexual e a expressão de gênero fatores determinantes nesse processo. Como demonstraram Paulo Melgaço da Silva Júnior e Leandro Teófilo de Brito (2018), os cotidianos escolares são marcados por regulações contínuas sobre o que se espera de um “menino”, de um “homem”, e qualquer performance que desestabilize essa norma torna-se alvo de vigilância ou repressão:

Pensar em masculinidades performativas, nos diferentes contextos sociais, nos direciona a vislumbrar o reconhecimento de infinitas possibilidades de ‘ser homem’, contestando a imposição de padrões e regulações sobre os sentidos do masculino, em particular, nos contextos escolares (Silva Júnior; Brito, 2018, p. 35).

Além de fatores físicos, comportamentos e preferências individuais, como expressões de gênero e orientação sexual, ou ainda características como introversão, timidez e desempenho acadêmico, podem também levar uma pessoa a ser estigmatizada. Fatores sociais e econômicos, como a forma de vestir-se, a posse ou não de itens considerados “de status” (como roupas e eletrônicos de determinadas marcas), e até diferenças religiosas, também podem servir como motivadores para o *bullying*, variando conforme o contexto cultural e social.

As formas de agressão também variam conforme o gênero: enquanto os meninos utilizam mais frequentemente a agressão física e a ameaça verbal, as meninas tendem a adotar estratégias mais indiretas, como o uso de apelidos, fofocas e a exclusão do grupo social (Bandeira; Hutz, 2012; Patricio, 2013; Pinto *et al.*, 2016). Além disso, as meninas costumam demonstrar maior empatia e oferecer mais suporte às vítimas do que os meninos (Gianluca Gini; Tiziana Pozzoli, 2006).

Esses dados indicam que o *bullying* entre meninos pode estar articulado a uma lógica de reafirmação de normas de gênero, operando como um dispositivo de regulação da masculinidade. Através da violência simbólica ou física, os pares punem aqueles que fogem aos padrões considerados desejáveis do “ser homem”, o que inclui desde expressões de sensibilidade até marcadores sociais como raça, orientação sexual ou desempenho atlético. Dessa forma, podemos pensar o *bullying* como um dos instrumentos de domesticação dos corpos, especialmente o masculino.

Como apontado por Patrício (2013), o *bullying* pode ser compreendido como uma violência em defesa de uma suposta normalidade e como um exercício de poder. Dessa forma, os agressores utilizam as agressões e humilhações frequentes como estratégias para demonstrar à vítima que ela não é pertencente a determinado grupo e, portanto, deveria se retirar dele. Ao tratar o fenômeno do *bullying* como violência e não como uma brincadeira entre pares, conseguimos compreender a sua prática como um reflexo do nosso tempo (Ceccarelli; Patrício, 2013).

Ao ser uma prática que reflete a contemporaneidade, torna-se um imperativo pensar se o *bullying* incide da mesma forma a todas as vítimas. Como a noção de interseccionalidade tem nos apontado (Collins; Bilge, 2020), os sujeitos são atravessados de maneiras específicas conforme o local social que ocupam. Compreendemos interseccionalidade como uma ferramenta analítica que possibilita compreender como múltiplas formas de opressão se articulam e produzem experiências específicas de discriminação (Kimberlé Crenshaw, 2004).

Kimberlé Crenshaw (2004), uma das precursoras na teorização do conceito de interseccionalidade, afirmou que quando a discriminação racial e de gênero se combinam, cria-se um impacto maior que a simples soma das partes individuais. A autora definiu esse fenômeno de “discriminação mista” ou “composta”. A partir desse entendimento, podemos pensar que meninos e adolescentes negros sofrem a violência do *bullying* a partir das expectativas de gênero atreladas ao masculino e devido à discriminação racial.

Meninos negros, assim como os adultos, são estigmatizados e muitas vezes rotulados. Uma das principais características que incide sobre eles é um processo denominado de adultificação precoce — fenômeno em que crianças, especialmente negras, são vistas e tratadas como mais maduras e autônomas do que realmente são. Essa experiência, frequentemente naturalizada em contextos familiares marcados pela precariedade material, resulta na internalização de exigências emocionais e práticas desproporcionais à idade, afetando o desenvolvimento subjetivo e a saúde mental dessas crianças (Claire Watts, 2023). Alguns estudos internacionais (Jahne Davis; Nicholas Marsh, 2020; Phillip Atiba Goff *et al.*, 2014) evidenciam como crianças negras são sistematicamente percebidas como mais velhas e menos inocentes do que crianças brancas. Esse processo denominado de adultificação racial pode ser compreendido como a atribuição de características e responsabilidades adultas a crianças negras, especialmente meninos, fazendo com que eles sejam percebidos como mais resistentes, perigosos ou autônomos do que realmente são (Davis; Marsh, 2020).

Procedimentos Metodológicos

A pesquisa de doutorado em Sociologia que resultou neste artigo (Patrício, 2025) adotou uma abordagem qualitativa, fundamentada na perspectiva etnossociológica proposta por Daniel Bertaux (2005). A escolha dessa abordagem justifica-se pela sua capacidade de investigar as inter-relações entre experiências individuais e estruturas sociais, compreendendo as trajetórias de vida como microssomos que revelam lógicas sociais mais amplas. O objetivo não foi a generalização estatística dos resultados, mas a apreensão de sentidos e processos sociais a partir da singularidade das narrativas.

A técnica de coleta de dados utilizada foi a entrevista biográfica em profundidade. As entrevistas permitiram aos participantes narrarem suas histórias de vida de forma fluida e abrangente, com foco nas vivências em espaços-tempos educacionais. A sensibilidade do pesquisador, que compartilha alguns marcadores sociais com os interlocutores, como, por exemplo, também ser negro, favoreceu um ambiente de confiança e empatia, crucial para a exploração de temas delicados.

Os participantes foram selecionados a partir dos seguintes critérios de inclusão: identificação com o gênero masculino (cisgênero ou transgênero), autodeclaração como negro (preto ou pardo) e ter cursado ou estar cursando graduação em instituições de ensino superior da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) entre os anos de 2004 e 2024.

Os cuidados éticos foram rigorosamente observados. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), conforme o Parecer Consubstanciado n.º 79991824.9.0000.5149. Todos os participantes foram devidamente informados sobre os objetivos, procedimentos e medidas de confidencialidade da pesquisa, e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para garantir o anonimato e, ao mesmo tempo, honrar a ancestralidade dos participantes, nomes fictícios de origem africana foram atribuídos a cada interlocutor.

Para o gerenciamento e codificação do material, foi utilizado o software Atlas.ti, que permitiu mapear segmentos das narrativas e associá-los a códigos e memos analíticos. As categorias de análise que fundamentam a interpretação — tais como “*Bullying* e violências simbólicas”, “Saúde mental e racismo”, “Construção racial dos homens negros” e “Gênero, masculinidade e sexualidade” — emergiram desse processo indutivo de codificação, em diálogo com os pressupostos da *Grounded Theory* (Barney Glaser; Anselm L. Strauss, 1967).

Embora a temática do *bullying* esteve presente em todas as entrevistas, este artigo se concentra exclusivamente na trajetória de Kwame Nzinga — entrevistado em janeiro de 2024 — devido à riqueza analítica de seu relato e à forma como ele articula múltiplos marcadores sociais em sua experiência escolar.

A trajetória de Kwame Nzinga: notas sobre violência, silenciamento e invisibilidade

Kwame Nzinga nasceu em 1999, em Belo Horizonte, e cresceu na zona norte da capital, onde ainda reside. É o penúltimo de seis irmãos, tendo sido criado principalmente pela mãe, empregada doméstica, que sustentou a família em meio a dificuldades financeiras e conflitos familiares, agravados pela dependência química do pai, assassinado em 2019. Durante a infância, Kwame enfrentou isolamento social, motivado pelo estigma em torno da condição do pai, e encontrou um refúgio na leitura para lidar com a solidão e a introspecção. Desde cedo, estudou em escolas públicas e contou com o apoio de programas como o Bolsa Família.

Sua adolescência foi marcada por violências físicas e simbólicas no ambiente escolar, especialmente *bullying* motivado por sua aparência, raça e sexualidade. Kwame foi alvo constante de zombarias por ser negro, por não cortar o cabelo com frequência e por expressar trejeitos considerados femininos. Ele não se sentia à vontade para relatar essas situações aos professores e, apenas no ensino médio, começou a construir laços de amizade com colegas que também sofriam discriminações. O afastamento do pai, a sobrecarga da mãe e a ausência de adultos disponíveis agravaram seu sofrimento nesse período.

Kwame Nzinga: Então, o *bullying pra* mim, principalmente o *bullying*, foi uma das piores coisas que vivi na escola. Eu não vivi isso quando era criança, graças a Deus, né? Uma criança ia ficar mais traumatizada ainda, mas vivi no ensino fundamental, final do fundamental, ensino médio.

Kwame Nzinga: Tinha uma época em que o *bullying* estava tão em alta que parecia roupa. O pessoal fazia *bullying* como se fosse nada.

Após o ensino médio, Kwame ingressou no mercado de trabalho e, paralelamente, iniciou os estudos para o Enem. Em 2020, conseguiu bolsa de 85% para cursar Serviço Social em uma faculdade particular e, posteriormente, ingressou também para cursar Filosofia com bolsa integral. Atualmente, cursa ambas as graduações simultaneamente e realiza estágio em um Centro de Referência em Assistência Social (CRAS). Sua trajetória

educacional foi impulsionada por cursos gratuitos, apoio da mãe e sua dedicação pessoal, superando os obstáculos impostos pelas violências vividas ao longo da vida escolar e familiar.

Em um dos seus relatos, o interlocutor Kwame Nzinga evidencia como a violência perpetrada por aqueles que praticam o *bullying* está respaldada por marcadores de desigualdade. Mesmo estudando em uma escola pública da periferia de Belo Horizonte, o fato de ele ser negro, pobre, eram motivos para ele ser alvo de chacotas e humilhações.

Kwame Nzinga: Naquela época, questões raciais também não estavam tão em alta na minha mente. Não era por conta disso, mas agora, depois, agora mais velho, né? Agora que estou mais velho, um homem, eu paro para pensar. Era justamente por conta disso que, porque todas as pessoas que faziam *bullying* comigo eram as pessoas, eram mais, era branca como água (risos), então. E muito do *bullying* também era relacionado ao meu cabelo, que na época era muito alto, justamente pela questão financeira que minha mãe não tinha tempo de sair cortando, não tinha dinheiro de sair cortando o cabelo de todo mundo porque eram 6 crianças, então a gente, naquela época, qualquer dinheiro era usado para alimentação aqui na minha família. E por conta disso também *bullying* relacionado à minha aparência, ao meu cabelo, tanto que eu cresci achando que eu era uma pessoa extremamente feia, eu não era, sou muito bonito

Kwame Nzinga: Basicamente, as crianças pretas que sofriam mais *bullying* pelo que eu via, né? Pela sua forma, pelas suas roupas, pelo seu cabelo, por tudo.

Podemos perceber no relato acima que o acesso às discussões raciais possibilitou que o interlocutor ressignificasse sua experiência e conseguisse perceber que o que ele vivenciou na infância não eram apenas brincadeiras, mas sim discriminação racial. Homens negros, assim como as mulheres, vivenciam o racismo pela primeira vez a partir da relação com os seus cabelos. O cabelo talvez seja a principal demarcação da identidade negra e, conseqüentemente, a característica mais atacada e ridicularizada (Marina Marques Tavares, 2023).

Como afirma Nilma Lino Gomes (2002), o cabelo tem sido historicamente utilizado, desde a escravidão, como um elemento central na definição da posição social dos indivíduos no sistema de classificação racial no Brasil. Além disso, está diretamente relacionado à identidade racial. De maneiras distintas, a experiência dos homens negros se aproxima da das mulheres negras no que diz respeito à relação com o cabelo. Para ambos, o formato do cabelo é problematizado desde a infância. Se, para as meninas negras, as tranças são as primeiras técnicas utilizadas para “domar o cabelo” (Gomes,

2002; Tavares, 2023); para os meninos, a estratégia era cortá-lo com máquina, deixando-o o mais baixo possível ou até raspado.

Nilma Gomes (2002) aponta a escola como uma das instituições que impõe um padrão estético às crianças negras. É a partir da entrada na escola que as famílias das crianças negras começam a se preocupar em adequar seus filhos aos padrões socialmente exigidos e essa adequação, na maioria das vezes, acontece modificando as características crespas do cabelo. Entretanto, muitas vezes, as condições financeiras não permitem que os cabelos sejam cuidados adequadamente, o que acaba por ocasionar discriminações disfarçadas de brincadeiras.

Grada Kilomba(2020) afirma que muitas das vítimas do racismo e de outras violências não conseguem traduzir em palavras o que vivenciaram. A experiência é tão traumática, que se fica “emudecida, sem palavras” (Kilomba, 2020, p. 121). Assim, podemos compreender que o entendimento apenas a posteriori do interlocutor Kwame Nzinga sobre a sua experiência na infância e adolescência se deve aos traumas causados pelas violências. Foi a partir do acesso às discussões raciais e de gênero que ele conseguiu nomear que o que vivenciou foi racismo e homofobia.

Os relatos de Kwame Nzinga demonstram como o *bullying* ganha outros contornos quando a vítima apresenta mais de um marcador que não é socialmente normalizado pelos pares.

Kwame Nzinga: Agora eu me identifico como um homem preto, né? Que faço parte da comunidade LGBT, eu era, eu sou... Eu sou gay. Então, eu sempre tive esse jeito um pouco mais afeminado, sabe né? Então acaba que por isso também eu sofria muito mais. Eu sofria muito mais *bullying* do que os outros. Por conta disso também. Além de eu ter que me esconder por eu ser preto, não tinha como esconder, né, que era meio visível, tinha que me esconder por eu ser gay também. Naquela época, eu nem sabia o que era ser gay. Eu nem sabia, porque as pessoas zoavam tanto o meu jeito de andar, tanto a minha mão.

Kwame Nzinga: Eu sofria muito mais *bullying* do que os outros!

Ao evidenciar que “sofria muito mais *bullying* do que os outros” o interlocutor reforça o quanto seu corpo era atravessado por múltiplas violências e ataques. Ele era ridicularizado por ser negro; por ser pobre e não ter roupas adequadas; por ter trejeitos considerados femininos; por não ter dinheiro para cortar o cabelo. Essas violências simbólicas e psicológicas produzem e deixam marcas, tais como as violências físicas. Os traumas produzidos pelo racismo, homofobia, sexismo, transvestidos de “brincadeira”, impactarão a subjetividade e a trajetória acadêmica de todos os que foram vítimas.

Ser um adolescente negro e gay é ter que conviver com as discriminações raciais e com a homofobia no ambiente escolar. Kwame relata o quanto desejava ser invisível para não ter que lidar com todas as situações. E esse desejo de invisibilidade fazia com que ele não fizesse perguntas nas aulas para não chamar atenção. Ele preferia ficar com dúvida a arriscar ser ridicularizado.

Kwame Nzinga: Eu ficava com medo de ir para a escola. E quando eu ia, eu era...eu tentava ser tão invisível, eu tentava ser invisível, isso. E se eu tentava ser invisível, acabava que eu nem estudava direito. Eu não fazia perguntas, então é por isso que falei que eu queria voltar na época da escola para poder estudar tudo de novo. Porque eu acho que hoje, coisa que eu não entendo hoje, eu sei que eu deveria ter aprendido na época da escola, mas não aprendi porque eu estava tentando ser invisível para aqueles adolescentes lá, para eles poderem não me ver e que eles não me viam, eu não sofria *bullying*. Mas não adiantou de muito não.

Como apontado por Ralph Ellison (2020), algumas vezes pode ser vantajoso não ser visto, entretanto, na maioria das vezes, é extremamente desgastante emocionalmente. A invisibilidade defendida pelo autor é aquela na qual as pessoas simplesmente se recusam a enxergar a outra. “Quando se aproximam de mim, só enxergam o que me circunda, a si próprios ou o que imaginam ver, na verdade, tudo, menos eu (Ellison, 2020, p. 32).” Kwame Nzinga era invisibilizado e se deixava invisibilizar devido à sua pele negra, seu cabelo crespo e sem corte, pelo seu corpo masculino, mas com traços femininos, pelas suas roupas marcadas pelo tempo.

A intimidação no contexto escolar, muitas vezes, é vivenciada de forma solitária. As vítimas preferem não relatar o que está acontecendo como uma estratégia defensiva e autoproteção. Entretanto, esse silêncio é utilizado como catalisador para a prática continuar acontecendo. Os adultos responsáveis pelos alunos, em especial, professoras e professores são aqueles que deveriam protegê-los da violência, entretanto, isso nem sempre acontece.

Kwame Nzinga: (...) pelo menos nunca vi nenhum professor conversando com minha mãe sobre isso, porque é nítido quando a gente sofre um *bullying* na escola.

Uma das estratégias utilizadas por Kwame para lidar com a prática do *bullying* foi o isolamento, sendo a biblioteca um dos seus principais refúgios.

Kwame Nzinga: Lá na primeira, segunda, terceira série, eu passava muito mais tempo sozinho do que com os colegas, passava muito mais tempo na biblioteca do que com os colegas.

Kwame Nzinga: Eu nunca fui em festinha de nenhum colega meu na escola, nunca fui de sair para brincar, nem para dormir na casa de nenhum colega meu.

Kilomba(2020) afirma que o isolamento de pessoas negras é em decorrência de uma ansiedade introjetada devido ao medo de serem atacadas pela estrutura de dominação da raça branca que ordena a nossa sociedade. O isolamento também pode ser compreendido como uma estratégia de sobrevivência social e psíquica. Ao não ter que conviver com os seus algozes, as vítimas de violências criam bolhas de segurança nas quais conseguem sobreviver e desenvolver minimamente suas habilidades. Por exemplo, Kwame Nzinga adquiriu o hábito de leitura nos períodos em que se escondia na biblioteca.

Kwame Nzinga: Eu tinha um trem de inventar historinha na minha cabeça que eu pegava uns personagens e, tipo assim, ficava brincando com eles. Cada dia era um capítulo diferente. Eu também lia bastante na época. Eu sempre peguei livro emprestado na escola, na biblioteca da escola. Então, eu sempre li bastante, então eu era muito aprofundado mesmo no meu mundo.

Kwame Nzinga precisou se isolar para sobreviver em um contexto que era excludente e ameaçador. Além dos impactos negativos no seu processo de socialização, na sua saúde física e mental, o *bullying* também influenciou no seu processo educacional, dificultando sua aprendizagem com reflexos até durante o ensino superior.

Considerações Finais

A trajetória de Kwame Nzinga permite evidenciar como o *bullying* se configura como uma prática de dominação que ultrapassa o campo das interações interpessoais, funcionando como um instrumento de reafirmação de normas de raça, gênero, classe e sexualidade no cotidiano escolar. Seus relatos mostram que ser um menino negro e LGBTQIAPN+, em um contexto de vulnerabilidade social, é estar sujeito a múltiplas camadas de violência, muitas vezes naturalizadas como “brincadeiras”. A escola, nesse processo, deixa de ser apenas um espaço de formação e torna-se também um locus de produção de subjetividades marcadas pela exclusão e pela dor. Dor essa muitas vezes negligenciada devido ao processo de adultificação racial a que os meninos negros são submetidos.

Ao afirmar que “tentava ser invisível” para não ser vítima de *bullying*, Kwame expressa o modo como seu corpo e sua identidade foram regulados por uma lógica de silenciamento e apagamento. Essa tentativa de se ocultar para sobreviver revela os efeitos psíquicos e educacionais das violências sofridas. A análise dessa trajetória contribui para

os estudos críticos das masculinidades ao mostrar que, para além da chamada “masculinidade tóxica”, existem também masculinidades vulnerabilizadas, silenciadas e violentadas nos espaços educativos.

Nesse sentido, o artigo avança ao demonstrar como meninos negros podem ser negligenciados por profissionais da educação que, por inúmeros motivos, acabam por invisibilizar sua existência. Assim, torna-se fundamental que novos estudos sejam realizados, sobretudo após a promulgação da Lei n.º 14.811/2024, que criminalizou o *bullying* e o *cyberbullying*, a fim de verificar se as ações de combate ao bullying escolar têm considerado, em suas abordagens, as dimensões de gênero, raça, classe e sexualidade.

Concluimos, portanto, que o *bullying* escolar deve ser compreendido como expressão de violências estruturais e interseccionais que incidem sobre corpos racializados, dissidentes de gênero e sexualidade. É urgente que as instituições educacionais reconheçam essa complexidade e assumam o compromisso de promover práticas pedagógicas antirracistas, inclusivas e atentas às múltiplas formas de masculinidade. A escuta de trajetórias como a de Kwame é fundamental para podermos construir políticas públicas de educação que rompam com a lógica da exclusão e afirmem a diversidade como princípio ético e pedagógico, considerando os aspectos interseccionais nos quais os sujeitos estão inseridos.

Referências

- ANTUNES, Deborah Christina; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. *Psicologia & Sociedade*, São Paulo, v. 20, p. 33–41, 2008.
- ARSENEAULT, Louise. Annual Research Review: The persistent and pervasive impact of being bullied in childhood and adolescence: implications for policy and practice. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, Londres, v. 59, n. 4, p. 405–421, 2018.
- BANDEIRA, Cláudia de Moraes; HUTZ, Claudio Simon. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. *Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 16, p. 35–44, 2012.
- BERTAUX, Daniel. *Los relatos de vida: perspectiva etnosociológica*. Barcelona: SGU, 2005.
- BOULTON, Michael J.; UNDERWOOD, Kerry. Bully/victim problems among middle school children. *British Journal of Educational Psychology*, Londres, v. 62, n. 1, p. 73–87, 1992.

- CARAPELLO, Raquel. O racismo camuflado pelo bullying. *Revista Educação - UNG-Ser*, Guarulhos, v. 15, n. 1, p. 171, 21, 2020.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Tradução: Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2020.
- CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: VV. AA. *Cruzamento: raça e gênero*. Brasília, DF: Unifem, v. 1, n. 1, p. 7–16, 2004.
- DAVIS, Jahnine; MARSH, Nicholas. Boys to men: the cost of ‘adultification’ in safeguarding responses to Black boys. *Critical and Radical Social Work*, Bristol, v. 8, n. 2, p. 255–259, 2020.
- ELLISON, Ralph. *Homem invisível*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.
- FORLIM, Bruna Garcia; STELKO-PEREIRA, Ana Carina; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. Relação entre bullying e sintomas depressivos em estudantes do ensino fundamental. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, Campinas, v. 31, p. 367–375, 2014.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2024.
- GINI, Gianluca; POZZOLI, Tiziana. The role of masculinity in children’s bullying. *Sex Roles: A Journal of Research*, Nova York, v. 54, n. 7–8, p. 585–588, 2006.
- GOFF, Phillip Atiba et al. The essence of innocence: consequences of dehumanizing Black children. *Journal of Personality and Social Psychology*, Washington, DC, v. 106, n. 4, p. 526–545, 2014.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.
- MALTA, Deborah Carvalho et al. Bullying nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2009. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 15, p. 3065–3076, 2010.
- OLWEUS, Dan. Bully/victim problems in school: facts and intervention. *European Journal of Psychology of Education*, Lisboa, v. 12, n. 4, p. 495–510, 1997.
- PATRÍCIO, Cláudio. “*Combinaram de nos matar, mas nós combinamos de estudar*”: trajetória de vida de homens negros em ascensão educacional rumo a “ser alguém na vida”. 2025. Tese (Doutorado em Sociologia) — Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Belo Horizonte, 2025.
- PATRÍCIO, Cláudio. “*A violência por trás da brincadeira*”: um estudo quantitativo sobre o bullying entre estudantes de Belo Horizonte. 2013. Dissertação (Mestrado em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência) — Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina, Belo Horizonte, 2013.
- PATRÍCIO, Cláudio; CECCARELLI, Paulo Roberto. Bullying e pós-modernidade: uma relação intrínseca (?). *Polém!ca*, Rio de Janeiro, v. 12, p. 415–431, 2013.

PIMENTEL, Fernanda de Oliveira; MÉA, Cristina Pilla Della; PATIAS, Naiana Dapieve. Victims of bullying, symptoms of depression, anxiety and stress, and suicidal ideation in teenagers. *Acta Colombiana de Psicología*, Bogotá, v. 23, n. 2, p. 230–240, 2020.

PINTO, Lauriza Maria Nunes et al. Brincadeira ou violência? Análise da prática do bullying entre estudantes de Belo Horizonte. *Revista Médica de Minas Gerais*, Belo Horizonte, v. 26, supl. 8, p. 83–87, 2016.

SHARIFF, Shaheen. *Cyberbullying: questões e soluções para a escola, a sala de aula e a família*. Porto Alegre: Artmed, 2016.

SILVA, Cíntia Santana e; VILELA, Elaine Meire; OLIVEIRA, Valéria Cristina de. Bullying nas escolas públicas e privadas: os efeitos de gênero, raça e nível socioeconômico. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 50, p. e264614, 2024.

SILVA, Clareana Anauê Lorena de Souza e; SANTOS, Gabriella Pereira dos; BAQUIÃO, Leandra Aurélia. O impacto do bullying no desenvolvimento psicológico do adulto. *Revista Saúde em Foco*, João Pessoa, n. 14, p. 874–886, 2022.

SILVA JÚNIOR, Paulo Melgaço da; BRITO, Leandro Teófilo de. Masculinidades performativas no contexto escolar: entre regulações, tensões e subversões. *Áskesis - Revista dos Discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar*, São Carlos, v. 7, n. 1, p. 26–38, 2018.

SOUZA, Lélia Castro de. Quando o bullying na escola afeta a vida adulta. *Revista Psicopedagogia*, São Paulo, v. 36, n. 110, p. 153–162, 2019.

TAVARES, Marina Marques. *Trajetória de vida de mulheres negras: mobilidade social e significados do corpo negro e do cabelo crespo*. 2023. Tese (Doutorado em Sociologia) — Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Belo Horizonte, 2023.

WATTS, Claire. What is adultification? | Guidance on child protection. *The Hub | High Speed Training*, Leeds, 2023. Disponível em: <https://www.highspeedtraining.co.uk/hub/what-is-adultification/>. Acesso em: 9 maio 2025.

Recebido em agosto de 2025.

Aprovado em setembro de 2025.